Fls. n.º 2
Proc. 768/2000

CÂMARA MUNICIPAL
— MOCOCA —
PROTOCOLO

Numero	Data	Rubrica
1.832	11/12/2000	

Câmara Municipal de Mococa
Estado de São Paulo

Projeto de Lei nº 85 de _____ de 2.000

Denomina trevos localizados em entroncamento com a Av. Monsenhor Demosthenes Paraná Brasil Pontes.

FAÇO SABER, que a Câmara Municipal de Mococa, em Sessão realizada no dia ____ de _____ de _____, aprovou Projeto de Lei nº. _____/2.000, de autoria da Vereadora Márcia Rotta, e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º. – O trevo localizado no entroncamento da Rua El Salvador com a Av. Monsenhor Demosthenes Paraná Brasil Pontes passa a ser denominado de: TREVO JERÔNIMO SOUZA.

Art. 2º. - O trevo localizado na Av. Monsenhor Demosthenes Paraná Brasil Pontes, confrontante com a Praça Pedro Dias de Lima passa a ser denominado de: TREVO FRANCISCO PEDROSA.

Art. 3º. - O trevo localizado no entroncamento das vias: Av. Monsenhor Demosthenes Paraná Brasil Pontes, Rua Nicolau Paione, Rua Joana Z. Naufel e Rodovia SP 340, passa a ser denominado de: TREVO ANTÔNIO CARLOS DE ABREU.

Art. 4º. - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revoga-se as disposições em contrário.

Plenário Venerando Ribeiro da Silva, 11 de Dezembro de 2000.

MÁRCIA ROTTA
Vereadora

AMÉRICO PEREIRA LIMA
Vereador

Câmara Municipal de Mococa

Estado de São Paulo

Fls. n.º 3
Proc. 768 2000

DESPACHOS

Processo nº. 768 / 2000

Projeto de Lei nº. 25 / 2000

DESPACHO

A(s) Comissões.....

.....

Sala das Sessões...../...../.....

Dr. Luiz Armando Calió
Presidente

Fls. nº 4
Proc. 168 Leo

Câmara Municipal de Mococa

COMISSÃO ESPECIAL

REFERÊNCIA :- PROJETO DE LEI Nº.85/2000
INTERESSADO :- MARCIA ROTTA E AMERICO PEREIRA LIMA
RELATOR :- ITALO MAZIERO JUNIOR
ASSUNTO :- Denomina trevos localizados no entrocamento com a Avenida Monsenhor Demosthenes Parana Brasil Pontes

Como relator da presente matéria, após estudos detalhados da propositura, que examina dentro dos aspectos exigidos por disposições Regimentais da Casa, bem como sua procedência e fundamentos, resolvo acolhe-la como se encontra redigida, exarando parecer **FAVORÁVEL** à sua aprovação.

Sala das Comissões, 11 de Dezembro de 2000

Italo Maziero Junior
Relator

EMENDA: Ver. Marcia Rotta
AO ART. 2º: Após PEDROSA, acres
centar: Filho.

APROVADO
Em Unica Discussão por 09.
Sessão 11 de 12 de 2000
Dr. Luiz Armando Calió
Presidente

REJEITADO
Em.....Discussão por.....
Sala das Sessões...../...../.....
Dr. Luiz Armando Calió
Presidente

APROVADO
Em 1ª Única Discussão por 9 X 4 x 1 abst.
Sessão 11 de 12 de 2000
Dr. Luiz Armando Calió
Presidente

APROVADO
Em 2ª Discussão por 9 X 4 x 1 abst
Sessão 12 de 12 de 2000
Dr. Luiz Armando Calió
Presidente

Fls. n.º 5
Proc. 768

CURRICULUM VITAE

JERÔNIMO SOUSA

Data de nascimento: 20/07/1902
Local: Cajuru (SP) Fazenda Cubatão
Data de falecimento: 11/12/1986, aos 94 anos
Local: Mococa

Formação educacional

Primário: Cajuru
Ginásio: Poços de Caldas - Colégio interno dos padres maristas
Colegial: Ouro Fino - Colégio interno de Ouro Fino
Especialização: Contabilidade, em Mococa

A Família

Pai: José Joaquim de Sousa
Mãe: Josephina Ribeiro de Sousa
Esposa: Leonor Pricoli de Sousa (falecida)
Filhos: Marieta Pricoli de Sousa (falecida), José Joaquim de Sousa, Maria Josephina Pricoli de Sousa, Paulo Jerônimo de Sousa, Maria Leonor Pricoli de Sousa, Luis Antonio de Sousa.
Netos: Leonor Angela de Sousa Pizzolia, Ana Amélia Catalano de Sousa, Maria Raquel Catalano de Sousa, Gabriela Duarte de Sousa, João Duarte de Sousa.
Bisnetos: João Felipe Pizzolla Rodriguez, Carolina Rocchi.

Formação Profissional

Ingressou no Banco F.Barretto aos 18 anos, em 1920, onde trabalhou por toda a vida. Foi contador, gerente da Matriz do Banco, em Mococa, Gerente Geral do Interior, Conselheiro da Instituição. Sessenta anos de serviços prestados às empresas do Grupo F.Barretto.

Fez parte da administração do Asilo de Mococa, da Santa Casa de Misericórdia e do Abrigo. Foi membro do Conselho Fiscal da Companhia Força e Luz, da Metalúrgica Mococa e cuidou da contabilidade de fazendas na região. Foi também um dos fundadores do Rotary na cidade.

Fls. 06
Proc. 268 Jan

Matéria publicada no jornal *A Mococa*, em 18 de julho de 1992

Por Leonor Pizzolla

OS 90 ANOS DO MEMORÁVEL "SEU" JERÔNIMO

"Se pudesse eleger um exemplo de brasileiro, este homem seria sr. Jerônimo." Referindo-se a Jerônimo Sousa, que no dia 20 deste mês completa 90 anos, Luiz Figueiredo Barretto sintetiza com emoção o sentimento de carinho e admiração dos amigos, dos parentes e de todos os que com ele tiveram e têm oportunidade de conviver. Sua história resume a trajetória do País e do mundo neste século, tal a diversidade de épocas que já percorreu. Como um personagem vivo da história, recorda fatos históricos com riqueza de detalhes e datas precisas, com humor e lucidez admiráveis. As grandes amizades e os frutos colhidos por um comportamento sempre afável e digno deram-lhe um lugar ímpar na sociedade mocoquense e lhe proporcionaram uma carreira brilhante, cujo maior destaque está nos mais de 60 anos de trabalho ininterruptos dedicados ao Banco F.Barretto.

Nascido em Cajuru no ano de 1902, na Fazenda Cubatão – que faz fronteira com as terras de Sampaio Moreira --, Jerônimo Sousa teve uma infância rural, típica do começo do século. Seu pai, José Joaquim de Sousa, foi casado com dona Josephina Ribeiro de Sousa. Só tiveram um filho. O menino Jerônimo brincava de pés no chão, na terra roxa e fértil que caracteriza a região. Para lhe zelar as travessuras, uma preta velha, remanescente do período da escravidão. Uma das recordações que lhe apertam a alma vem de quando seu pai, contra sua vontade, passou a carinhosa senhora a outro patrão. Nunca mais ele se esqueceu daquela mulher subindo no carro-de-boi, acenando-lhe um adeus com lágrimas nos olhos. As terras da Fazenda Cubatão ainda hoje guardam a velha roda d'água, as construções seculares e a bela corredeira de pedras.

Bom papo, seu Jerônimo recorda de seu período de estudos no colégio interno de Ouro Fino, onde tomava banho gelado ao amanhecer, em pleno inverno. Aluno aplicado e inteligente, recebia todos os anos homenagens por seu desempenho de destaque entre os colegas. Esta capacidade de pontificar deu-lhe liderança e reconhecida competência para, com seu trabalho e sua visão de futuro, ajudar a fazer do Banco Barretto a grande instituição bancária que foi.

Trazido por seu pai para empregar-se na então Casa Bancária de Francisco Muniz Barretto, na próspera Mococa de 1922, seu Jerônimo chegou como um rapaz assustado e receoso de seu novo desafio. Em carta-depoimento a respeito do amigo Jerônimo, José Mônaco, saudoso chefe, declara: "Chegou até nós, pelas mãos de seu pai, um rapaz magro, pálido e de olhos meio esbugalhados para iniciar sua carreira bancária. Em pouco tempo, tomou conhecimento de todas as suas funções, a ponto de tornar-se de imediato meu auxiliar direto e sucessor natural".

Jerônimo Sousa foi gerente geral do Banco F.Barretto e principal incentivador de Francisco Muniz Barretto a expandir os negócios e abrir agências por todo o interior e também na Capital. "Seu Chico", como era tratado pelos

Fls. n.º 7
Proc. 768 Doc

amigos, confiou a Jerônimo seus filhos Francisco, Felismino e Luiz para que lhes ensinasse as primeiras noções de contabilidade. Mais tarde, eles presidiram com brilhantismo o Banco F.Barretto S.A., tornando-se chefes estimados e amigos.

O modelo de correção que ele foi no trabalho pode ser exemplificado por um detalhe que já faz parte da história do Banco: em 63 anos de atividade, seu Jerônimo não teve uma falta sequer. Certa vez, foi passar um feriado prolongado em Cajuru e, na volta, desabou uma tempestade, seguida de uma enchente apocalíptica. Caíra uma ponte. Seu Jerônimo conseguiu atravessar o rio, caminhou alguns quilômetros no lodo, alugou mais adiante um burro, galgou nele outros quilômetros de caminho íngreme e desvios e chegou a sua mesa de trabalho no início do expediente. Sem qualquer entrada triunfal, com a mesma discreta compostura e simplicidade dos dias comuns.

Quando se aposentou, já residindo em São Paulo, ganhou uma sala especial no gabinete da Diretoria do Banco, uma sala com telefone, secretária e muito conforto. Sempre que alguma personalidade ou um cliente especial ia visitar o Banco F.Barretto, os diretores levavam-nos aos gabinete para conhecer seu Jerônimo. Ele conta isso com seu imutável senso de humor:

-- Depois de velho virei peça de museu... Os mocoquenses orgulham-se do papel de relevo que seu banco exerceu na história financeira de São Paulo. Até isso seu Jerônimo relembra com carinhoso humor, citando a placa que o banco ostentava na fachada, e que proclamava com vaidade: "Banco F.Barretto. Matriz: Mococa. Filial: São Paulo".

Temperamento plácido e sereno, profissional compenetrado, ele soube enfrentar as grandes turbulências da história, conduzindo com tranqüilidade e sabedoria seu trabalho. Passou incólume pelas revoluções de 1924 e 1932, época em que o Estado de São Paulo ficou isolado do restante do País. Assistiu às invasões a Mococa pelas tropas mineiras. Recebidos com resistência silenciosa e pregos no chão, os mineiros batiam em retirada com os pneus furados e os cavalos escorregando. Sofreu as conseqüências das duas Grandes Guerras Mundiais, quando houve racionamento de comida e as pessoas precisavam enfrentar longas filas para comprar cotas mínimas de pão e açúcar. Presenciou as legendárias enchentes do Ribeirão do Meio. Com a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, viu muitos fazendeiros e comerciantes da região dormirem ricos e acordarem pobres. "Nesta época, muitas fortunas viraram cinzas, e alguns barões do café se tornaram, do dia para noite, homens de chapéu na mão. Só os competentes sobreviveram", conta ele.

Seu Jerônimo também recorda com humor a vinda ao País de Nelson Rockfeller, empresário americano e uma das maiores fortunas mundiais da época, que visitou Mococa em 1951, para tratar dos seus interesses no setor agrícola. Ele conta que o americano, ao receber em solenidade o título de Cidadão Mocoquense, viu Luiz Armando Trovo passar com um dos seus carrinhos antigos, relíquias que o pai conservava com apreço. Rockfeller não teve dúvidas. Deixou a pompa de lado e foi dar uma volta no carrinho de rodas de madeira, deixando as autoridades às voltas com a quebra dos horários e do protocolo.

Apesar de todo o desenvolvimento da indústria automobilística no País, seu Jerônimo nunca dirigiu. Carro, para ele, só se for com motorista. Mas este pequeno detalhe nunca foi problema para ele. Durante todos os anos no

Fls. n.º 8
Proc. 468

Banco F.Barretto, cumpriu religiosamente a pé o trajeto da esquina da rua Estébio Ribeiro com a XV de Novembro – onde fica o casarão que construiu e no qual viveu por muitos anos – até a Praça do Rosário, seu endereço de trabalho.

Para exemplificar a ingenuidade dos homens do seu tempo, resume a chegada do Homem à Lua, o que o emocionou e que foi um dos acontecimentos mais marcantes da História recente. No dia de seu aniversário, 20 de julho de 1969, Jerônimo Sousa assistiu à "transmissão via satélite". Para muitos que viveram uma época em que o principal meio de transporte eram a charrete e o burro de carga, e a televisão era uma caixa de imagens pronta a explodir, a proeza do Homem moderno era digna de pelo menos desconfiança. "A maioria das pessoas zombava da transmissão, afirmando que aquele filme era um truque de montagem de americanos espertos", conta, divertido.

Generoso e altruísta, ele dava amparo e incentivo a quem lhe procurava no banco, para aconselhar-se ou fazer dele consultor para seus negócios. Como gerente, autorizava empréstimos a quem não se dava mais créditos, sempre com a teoria de que se deve dar uma segunda chance a quem erra. A outros deu estímulo e condições para vencer na vida. José Eugênio Sobrinho – o Zé da Ema --, hoje diretor de Recursos Humanos da empresa de energia elétrica Celtins, relembra o apoio no início humilde de carreira: "Eu era funcionário da Ema (empresa de mecanização agrícola em Mococa). Quando me associei a dois sócios de recursos para tocar a empresa, era o único que precisava de ajuda financeira. E seu Jerônimo foi meu grande incentivador".

Muitos lembram do seu Jerônimo como um benfeitor, uma pessoa de grande coração, a quem devem sua casa própria ou tratamento de saúde de parentes. Jerônimo Sousa também fez muito por Mococa. Participou da administração da Santa Casa de Misericórdia, do Asilo, do Abrigo, fazia a contabilidade da Companhia de Força e Luz e foi do grupo fundador do Rotary na cidade, entre outras atividades. Fez grandes amigos. Carlos Baptistella, Helio Destro, Mateus Andreoli, Custódio Caravieri, os Barretto e tantos outros já falecidos, foram seus companheiros de trabalho e sempre lhe devotaram admiração e respeito.

Tímido, ele sempre foi avesso a homenagens. Certa vez, o prefeito Lu Amato decidiu conferir-lhe o título de Cidadão Mocoquense, e a solenidade começou a ser preparada, com a participação dos políticos e personalidades do município. Ao saber dos preparativos, seu Jerônimo recusou com veemência a honraria, com um argumento definitivo e que calou a todos:

-- Vivo em Mococa há décadas, já sou mocoquense. Portanto, não preciso ser declarado cidadão daqui. Já o sou ... Mas uma homenagem ele achou que poderia aceitar, em consideração à paixão nacional, o futebol. Deu o chute inaugural do Estádio São Sebastião.

A nova geração o vê sempre com muito carinho. "Sempre que passava na frente do banco, olhava para dentro e via seu Jerônimo, sempre sorrindo e conversando com alguém", lembra o prefeito Chico Guerra. Os 90 anos de Jerônimo Sousa lembram a inscrição que o Banco F.Barretto ostentou no prédio da Praça do Rosário, "Fundado em 1902" – mesmo ano de seu nascimento. Atualmente, seu Jerônimo vive em São Paulo, contrariado com frio e com saudades da terrinha. Sempre que pode vai rever os amigos e dar suas voltas

Fls. n.º 9
Proc. 768 Dou

pelas praças das palmeiras imperiais, para respirar os ares que lhe devolvem a alegria de viver.

A FAMÍLIA

Jerônimo Sousa foi casado com dona Leonor Pricoli de Sousa, mocoquense, com quem teve seis filhos. Ficou viúvo muito cedo, aos 47 anos, quando o filho mais novo, Luis Antônio, completava 7 anos, e a mais velha, Marieta, tinha 18 anos. Homem firme e de grande coragem, reuniu os filhos no dia da morte da esposa e declarou, quando prestimosos familiares se prontificavam a dividir as crianças para a guarda: "Meus filhos, preciso muito de todos vocês, neste momento e na nova vida que nos espera. Vocês ficam comigo e vou tentar, a partir de agora, ser pai e mãe ao mesmo tempo". E assim foi. A fidelidade à companheira de tantos anos transcendeu à morte. Ele não mais se casou.

Paulo Jerônimo de Sousa – o Pagê – lembra como era difícil ser filho do seu Jerônimo, pelas cobranças de um comportamento sempre exemplar. O que não era o caso do endiabrado Pagê. "Se fazia alguma molecagem a cidade inteira comentava, e meu pai logo ficava sabendo", lembra, com orgulho da popularidade do pai. De temperamento alegre e comunicativo, Pagê tornou-se um bem-sucedido jornalista, exercendo atualmente o cargo de Assessor de Imprensa da Presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, no Rio de Janeiro. José Joaquim de Sousa – o Zezinho – entrou para a Marinha ainda adolescente, por vontade e ideal do seu pai. Oficial de alta patente, reformou-se com reconhecido prestígio no Oficialato. Hoje, é um próspero construtor civil no Sul do País, com empreendimentos imobiliários em Florianópolis, Blumenau e Itapema. Luis Antônio de Sousa, o caçula, é químico, e trabalhou por muito tempo no Pólo Petroquímico de Camaçari, na Bahia.

Marieta Pricoli de Sousa – a Marietinha – foi a que permaneceu por mais tempo em Mococa. Faleceu em 1987. Durante o tempo em que viveu na cidade, ficou muito conhecida por dar aulas de Francês no Ginásio Oscar Villares, tornando-se muito popular e querida. Marietinha formou-se em Línguas Neolatinas na Universidade de Sourbone, em Paris, onde recebeu homenagens pela criação de um jornal do Departamento de Línguas Latinas da universidade. Maria Josephina Pricoli de Sousa – a Mariazinha – e Maria Leonor Pricoli de Sousa – a Nozinha – fizeram carreira no Magistério em São Paulo. Educadoras de prestígio, Mariazinha foi supervisora de ensino e diretora de vários colégios do Estado na Capital; Nozinha, além de dar aulas por muito tempo na pré-escola do Colégio Caetano de Campos, e em outras escolas particulares, trabalhou na Secretaria de Estado da Educação, exercendo funções na Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – Cenp. A família se completa com as noras, os cinco netos e dois bisnetos. Com uma família tão numerosa a sua volta e com tantos amigos sempre próximos, seu Jerônimo é um homem plenamente realizado, certo do dever cumprido e de felizes reminiscências.

Fls. n.º 10
Proc. 768

pelas praças das palmeiras imperiais, para respirar os ares que lhe devolviam a alegria de viver.

A FAMÍLIA

Jerônimo Sousa foi casado com dona Leonor Pricoli de Sousa, mocoquense, com quem teve seis filhos. Ficou viúvo muito cedo, aos 47 anos, quando o filho mais novo, Luis Antônio, completava 7 anos, e a mais velha, Marieta, tinha 18 anos. Homem firme e de grande coragem, reuniu os filhos no dia da morte da esposa e declarou, quando prestimosos familiares se prontificavam a dividir as crianças para a guarda: "Meus filhos, preciso muito de todos vocês, neste momento e na nova vida que nos espera. Vocês ficam comigo e vou tentar, a partir de agora, ser pai e mãe ao mesmo tempo". E assim foi. A fidelidade à companheira de tantos anos transcendeu à morte. Ele não mais se casou.

Paulo Jerônimo de Sousa – o Pagê – lembra como era difícil ser filho do seu Jerônimo, pelas cobranças de um comportamento sempre exemplar. Que não era o caso do endiabrado Pagê. "Se fazia alguma molecagem a cidade inteira comentava, e meu pai logo ficava sabendo", lembra, com orgulho da popularidade do pai. De temperamento alegre e comunicativo, Pagê tornou-se um bem sucedido jornalista, exercendo atualmente o cargo de Assessor de Imprensa da Presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, no Rio de Janeiro. José Joaquim de Sousa – o Zezinho – entrou para a Marinha ainda adolescente, por vontade e ideal do seu pai. Oficial de alta patente, reformou-se com reconhecido prestígio no Oficialato. Hoje, é um próspero construtor civil no Sul do País, com empreendimentos imobiliários em Florianópolis, Blumenau e Itapema. Luis Antônio de Sousa, o caçula, é químico e trabalhou por muito tempo no Pólo Petroquímico de Camaçari, na Bahia.

Marieta Pricoli de Sousa – a Marietinha – foi a que permaneceu por mais tempo em Mococa. Faleceu em 1987. Durante o tempo em que viveu na cidade, ficou muito conhecida por dar aulas de Francês no Ginásio Oscar Vilas, estomando-se muito popular e querida. Marietinha formou-se em Línguas Neolatinas na Universidade de Sourbone, em Paris, onde recebeu homenagens pela criação de um jornal do Departamento de Línguas Latinas da universidade. Maria Josephina Pricoli de Sousa – a Mariazinha – e Maria Leonor Pricoli de Sousa – a Nozinha – fizeram carreira no Magistério em São Paulo. Educadoras de prestígio, Mariazinha foi supervisora de ensino e diretora de vários colégios do Estado na Capital; Nozinha, além de dar aulas por muito tempo na pré-escola do Colégio Caetano de Campos, e em outras escolas particulares, trabalhou na Secretaria de Estado da Educação, exercendo funções na Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – Cenp. A família se completa com as noras, os cinco netos e dois bisnetos. Com uma família tão numerosa a sua volta e com tantos amigos sempre próximos, seu Jerônimo é um homem plenamente realizado, certo do dever cumprido e de felizes reminiscências.

Fls. n.º 11
Proc. 7408 2000

NETPRESS COMUNICAÇÃO

Rua Taboão, 126 – Sumaré
São Paulo-SP Cep: 01256-020
Fone/fax: (11) 3865-7899
E-mail: leonorpizzolla@ig.com.br

FAX -- URGENTE

PARA: Márcia Rotta

DE: Leonor Pizzolla

TEL:

FAX:

DATA: 06/12/00

Márcia

Encaminho os documentos para o projeto, ok? Agradeço o empenho e aproveito para te enviar os votos de Boas Festas, a você e todos em casa.

Abraços, Nonô

Fls. n.º 12
Proc. 768

CURRICULUM VITAE

JERÔNIMO SOUSA

Data de nascimento: 20/07/1902
Local: Cajuru (SP) Fazenda Cubatão
Data de falecimento: 1?/12/1986, aos 94 anos
Local: Mococa

Formação educacional

Primário: Cajuru
Ginásio: Poços de Caldas - Colégio interno dos padres maristas
Colegial: Ouro Fino - Colégio interno de Ouro Fino
Especialização: Contabilidade, em Mococa

A Família

Pai: José Joaquim de Sousa
Mãe: Josephina Ribeiro de Sousa
Esposa: Leonor Pricoli de Sousa (falecida)
Filhos: Marieta Pricoli de Sousa (falecida), José Joaquim de Sousa, Maria Josephina Pricoli de Sousa, Paulo Jerônimo de Sousa, Maria Leonor Pricoli de Sousa, Luis Antonio de Sousa.
Netos: Leonor Angela de Sousa Pizzolia, Ana Amélia Catalano de Sousa, Maria Raquel Catalano de Sousa, Gabriela Duarte de Sousa, João Duarte de Sousa.
Bisnetos: João Felipe Pizzolla Rodriguez, Carolina Rocchi.

Formação Profissional

Ingressou no Banco F.Barretto aos 18 anos, em 1920, onde trabalhou por toda a vida. Foi contador, gerente da Matriz do Banco, em Mococa, Gerente [illegible] do Interior, Conselheiro da Instituição. Sessenta anos de serviços prestados às empresas do Grupo F.Barretto.

Fez parte da administração do Asilo de Mococa, da Santa Casa de Misericórdia e Abrigo. Foi membro do Conselho Fiscal da Companhia Força e Luz, da Mogiana Mococa e cuidou da contabilidade de fazendas na região. Foi também um dos fundadores do Rotary na cidade.

Fls. n.º 13
Proc. 68200

Matéria publicada no jornal A [illegible]
em 18 de julho [illegible]

Por Leonor [illegible]da

OS 90 ANOS DO MEMORÁVEL "SEU" JERÔNIMO

"Se pudesse eleger um exemplo de brasileiro, este homem seria s[eu] Jerônimo." Referindo-se a Jerônimo Sousa, que no dia 20 deste mês compl[eta] 90 anos, Luiz Figueiredo Barretto sintetiza com emoção o sentimento de car[inho] admiração dos amigos dos parentes e de todos os que com ele tiveram [a] oportunidade de conviver. Sua história resume a trajetória do País e do [Séc.] neste século, tal a diversidade de épocas que já percorreu. Como um perso[nagem] vivo da história, recorda fatos históricos com riqueza de detalhes e datas pr[ecisas] com humor e lucidez admiráveis. As grandes amizades e os frutos colhidos p[or] um comportamento sempre afável e digno deram-lhe um lugar ímpar na soc[iedade] mocoquense e lhe proporcionaram uma carreira brilhante, cujo maior destaq[ue] está nos mais de 60 anos de trabalho ininterruptos dedicados ao Banco F.Barr[etto].

Nascido em Cajuru no ano de 1902, na Fazenda Cubatão – que faz fronteira com as terras de Sampaio Moreira –, Jerônimo Sousa teve uma infân[cia] rural, típica do começo do século. Seu pai, José Joaquim de Sousa, foi casado com dona Josephina Ribeiro de Sousa. Só tiveram um filho. O menino Jerônimo brincava de pés no chão, na terra roxa e fértil que caracteriza a região. Para lhe zelar as travessuras, uma preta velha, remanescente do período da escravidão. Uma das recordações que lhe apertam a alma vem de quando seu pai, contra sua vontade, passou a carinhosa senhora a outro patrão. Nunca mais ele se esqueceu daquela mulher subindo no carro-de-boi, acenando-lhe um adeus com lágrimas nos olhos. As terras da Fazenda Cubatão ainda hoje guardam a velha roda d'água, as construções seculares e a bela corredeira de pedras.

Bom papo, seu Jerônimo recorda de seu período de estudos no colégio interno de Ouro Fino, onde tomava banho gelado ao amanhecer, em pleno inverno. Aluno aplicado e inteligente, recebia todos os anos homenagens por seu desempenho de destaque entre os colegas. Esta capacidade de pontificar com liderança e reconhecida competência para, com seu trabalho e sua visão de futuro, ajudar a fazer do Banco Barretto a grande instituição bancária que foi.

Trazido por seu pai para empregar-se na então Casa Bancária de Francisco Muniz Barretto, na próspera Mococa de 1922, seu Jerônimo chegou como um rapaz assustado e receoso de seu novo desafio. Em carta-depoimento a respeito do amigo Jerônimo, José Mônaco, saudoso chefe, declara: "Chegou até nós, pelas mãos de seu pai, um rapaz magro, pálido e de olhos muito esbugalhados para iniciar sua carreira bancária. Em pouco tempo, tomou conhecimento de todas as suas funções, a ponto de tornar-se de imediato auxiliar direto e sucessor natural".

Jerônimo Sousa foi gerente geral do Banco F.Barretto e primeiro incentivador de Francisco Muniz Barretto a expandir os negócios e abrir agências por todo o interior e também na Capital. "Seu Chico", como era tratado pelos

Fls. n.º 14
Proc. 63200

amigos, confiou a Jerônimo seus filhos Francisco, Felismino e Luiz para que lhes ensinasse as primeiras noções de contabilidade. Mais tarde, eles presidiram com brilhantismo o Banco F.Barretto S.A., tornando-se chefes estimados e amigos.

O modelo de correção que ele foi no trabalho pode ser exemplificado por um detalhe que já faz parte da história do Banco: em 63 anos de atividade, seu Jerônimo não teve uma falta sequer. Certa vez, foi passar um fim de semana prolongado em Cajuru e, na volta, desabou uma tempestade, seguida de uma enchente apocalíptica. Caiu uma ponte. Seu Jerônimo conseguiu atravessar o rio, caminhou alguns quilômetros no lodo, alugou mais adiante um burro, galgou outros quilômetros de caminho íngreme e desvios e chegou a sua mesa do trabalho no início do expediente. Sem qualquer entrada triunfal, com a mesma discreta compostura e simplicidade dos dias comuns.

Quando se aposentou, já residindo em São Paulo, ganhou uma sala especial no gabinete da Diretoria do Banco, uma sala com telefone, secretária e muito conforto. Sempre que alguma personalidade ou um cliente especial ia visitar o Banco F.Barretto, os diretores levavam-nos aos gabinete para conhecer seu Jerônimo. Ele conta isso com seu imutável senso de humor:

-- Depois de velho virei peça de museu... Os mocoquenses orgulham-se do papel de relevo que seu banco exerceu na história financeira de São Paulo. Até isso seu Jerônimo relembra com carinhoso humor, citando a placa que o banco ostentava na fachada, e que proclamava com vaidade: "Banco F.Barretto. Matriz: Mococa. Filial: São Paulo".

Temperamento plácido e sereno, profissional compenetrado, soube enfrentar as grandes turbulências da história, conduzindo com tranquilidade e sabedoria seu trabalho. Passou incólume pelas revoluções de 1924 e 1932, época em que o Estado de São Paulo ficou isolado do restante do País. Assistiu às invasões a Mococa pelas tropas mineiras. Recebidos com resistência silenciosa e pregos no chão, os mineiros batiam em retirada com os pneus furados e os cavalos escorregando. Sofreu as conseqüências das duas Grandes Guerras Mundiais, quando houve racionamento de comida e as pessoas precisavam enfrentar longas filas para comprar cotas mínimas de pão e açúcar. Presenciou as legendárias enchentes do Ribeirão do Meio. Com a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, viu muitos fazendeiros e comerciantes da região dormirem ricos e acordarem pobres. "Nesta época, muitas fortunas viraram cinzas, e alguns banqueiros do café se tornaram, do dia para noite, homens de chapéu na mão. Só os competentes sobreviveram", conta ele.

Seu Jerônimo também recorda com humor a vinda ao País de Nelson Rockfeller, empresário americano e uma das maiores fortunas mundiais da época, que visitou Mococa em 1951, para tratar dos seus interesses no setor agrícola. Ele conta que o americano, ao receber em solenidade o título de Cidadão Mocoquense, viu Luiz Armando Trovo passar com um dos seus carrinhos antigos, relíquias que o pai conservava com apreço. Rockfeller não teve dúvidas. Deixou a pompa de lado e foi dar uma volta no carrinho de rodas de madeira, deixando as autoridades às voltas com a quebra dos horários e do protocolo.

Apesar de todo o desenvolvimento da indústria automobilística no País, seu Jerônimo nunca dirigiu. Carro, para ele, só se for com motorista. Mas este pequeno detalhe nunca foi problema para ele. Durante todos os anos no

Fls. n.º 15
Proc. 768

Banco F.Barretto, cumpriu religiosamente a pé o trajeto da esquina da rua Sr. Pedro Ribeiro com a XV de Novembro – onde fica o casarão que construiu e no qual viveu por muitos anos – até a Praça do Rosário, seu endereço de trabalho.

Para exemplificar a ingenuidade dos homens do seu tempo, recorda a chegada do Homem à Lua, o que o emocionou e que foi um dos acontecimentos mais marcantes da História recente. No dia de seu aniversário, 20 de julho de 1969, Jerônimo Sousa assistiu à "transmissão via satélite". Para muitos que viveram uma época em que o principal meio de transporte eram a charrete e o burro de carga, e a televisão era uma caixa de imagens pronta a explodir, a proeza do Homem moderno era digna de pelo menos desconfiança. "A maioria das pessoas zombava da transmissão, afirmando que aquele filme era um truque de montagem de americanos espertos", conta, divertido.

Generoso e altruísta, ele dava amparo e incentivo a quem lhe procurava no banco, para aconselhar-se ou fazer dele consultor para seus negócios. Como gerente, autorizava empréstimos a quem não se dava bem com créditos, sempre com a teoria de que se deve dar uma segunda chance a quem erra. A outros deu estímulo e condições para vencer na vida. José Eduardo Sobrinho – o Zé da Ema --, hoje diretor de Recursos Humanos da empresa de energia elétrica Celtins, relembra o apoio no início humilde de carreira: "Era eu funcionário da Ema (empresa de mecanização agrícola em Mococa). Quando me associei a dois sócios de recursos para tocar a empresa, era o único que precisava de ajuda financeira. E seu Jerônimo foi meu grande incentivador".

Muitos lembram do seu Jerônimo como um benfeitor, uma pessoa de grande coração, a quem devem sua casa própria ou tratamento de saúde de parentes. Jerônimo Sousa também fez muito por Mococa. Participou da administração da Santa Casa de Misericórdia, do Asilo, do Abrigo, fazia a contabilidade da Companhia de Força e Luz e foi do grupo fundador do Rotary da cidade, entre outras atividades. Fez grandes amigos. Carlos Baptistella Filho, Destro, Mateus Andreoli, Custódio Caravieri, os Barretto e tantos outros já falecidos, foram seus companheiros de trabalho e sempre lhe devotaram admiração e respeito.

Tímido, ele sempre foi avesso a homenagens. Certa vez, o prefeito Lu Amato decidiu conferir-lhe o título de Cidadão Mocoquense, e a solenidade começou a ser preparada, com a participação dos políticos e personalidades do município. Ao saber dos preparativos, seu Jerônimo recusou com veemência a honraria, com um argumento definitivo e que calou a todos:

-- Vivo em Mococa há décadas, já sou mocoquense. Portanto não preciso ser declarado cidadão daqui. Já o sou ... Mas uma homenagem ele aceitou que poderia aceitar, em consideração à paixão nacional, o futebol. Deu o chute inaugural do Estádio São Sebastião.

A nova geração o vê sempre com muito carinho. "Sempre que passava na frente do banco, olhava para dentro e via seu Jerônimo, sempre sorrindo e conversando com alguém", lembra o prefeito Chico Guerra. Os 90 anos de Jerônimo Sousa lembram a inscrição que o Banco F.Barretto ostentou no prédio da Praça do Rosário, "Fundado em 1902" – mesmo ano de seu nascimento. Atualmente, seu Jerônimo vive em São Paulo, contrariado com frio e com saudades da terrinha. Sempre que pode vai rever os amigos e dar suas voltas

Fls. n.º 16
Proc. 168 2000

ANTONIO CARLOS DE ABREU, nascido em Mococa, no dia 13.06.1926, Filho de Manuel de Abreu e Josefina Cunali de Abreu.
Casado com D. Terezinha Pinheiro de Abreu, tendo os seguintes Filhos: Antonio Carlos , Patricia Heloisa, Antonio Jose, Menuel, Tereza Maria, e 13 netos.
Agropecuarista, foi Vereador 1952 a 1955 e de 1960 a 1969, foi Vice-Prefeito no mandato do Sr. Cristovam Lima Guedes, do Sr.- JACINTHO PISANI.

A MOCOCA

NO LXXVIII | MOCOCA, 26 de Agosto de 1.973 | N. 3.496

Coluna do Pif-Paf

(UMA SIM e OUTRA NÃO)

TEATRO AMADOR VITORIOSO

O Grupo de Teatro Amador "Jorge Andrade", do Instituto de Educação, que tem à sua frente esse moço, entusiasta, Jeferson Zanchi, acaba de lavrar mais um tento, por sinal que dos mais significativos.

Sim, o Grupo exibindo-se na Semana Euclidiana, em São José do Rio Pardo, onde também tomavam parte outros grupos da própria cidade e da cidade de São João de Boa Vista, na disputa da fase eliminatória do XI Festival de Teatro Amador, saiu-se Excepcional, encenando a peça "Zumbi", de autoria do festejado Gianfrancesco Guarnieri e música de Edu Lobe.

É conhecido o trabalho do Grupo "Jorge Andrade", que em diversas vezes tem brindado Mococa com encenações de peças teatrais de difícil desempenho, mas de que ele se sai bem, muito bem, para gaudio da platéia numerosa que o prestigia.

Segundo estamos informados, o vitorioso Grupo vai, agora, disputar as finais do Festival, e tem excelentes "chances" de se sagrar vitorioso, também nessa fase, o que o torna á consagrado no Estado.

E isso aí, como dizem os jovens, uma dedicação, um amor, a capacidade mobilizada, fazem milagres, principalmente, quando se sabe das dificuldades que os jovens têm para encenar suas peças.

Nossos cumprimentos ao Grupo, pelas vitorias que já logrou e votos para que alcance novas, sempre das mais expressivas.

RESTABELECER A FERROVIA

Quando a cidade se prepara para nova arrancada de industrialização, o restabelecimento da via ferrea se impõe, agigantadamente, já que é trasporte muito mais barato, próprio para as grandes cargas.

Nosso Prefeito Municipal, que é homem culto, inteligente, logo percebeu que industrializar traz responsabilidades aéreas, como construir moradias para técnicos e operários, melhorar as vias de comunicações e, especialmente, restabelecer a via ferrea. Para tanto, visitou o Exmo. Sr. Secretário de Estado dos Transportes, o dr. Paulo Salim Maluf, que, com carinho próprio da sua lhaneza, ouviu o Prefeito e, afinal, deixou transparecer, claramente, que estuderia a possibilidade de restabelecimento do ramal da Fepasa, desde que colaborassemos para tanto.

O nosso Prefeito foi pedir comunicação nossa com a estação de Ribeiro do Valle, por via rodoviária asfaltada, e o sr. Secretário, inteligentemente, aceitou o estudo do restabelecimento de ramal que nos servia, por via ferrea.

Cumpre, pois, agora, que nos organizemos para a campanha do restabelecimento da via ferrea. Cumpre que provemos a necessidade disso, que provemos, ainda, que o ramal não é deficitário, como nunca o foi.

Segundo nos consta, o sr. Hamilton Leite da Silva, vereador em nossa Câmara Municipal, depois de ter ouvido o sr. Prefeito Municipal relatar os entendimentos havidos no Secretaria dos Transportes, empolgou-se com o problema e fez, na sexta-feira última, junto aos seus pares, apelo no sentido da união de forças.

Muito bem. Há uma possibilidade de restabelecer a "velha mogiana", portanto é preciso que não a percamos por motivos vãos, que nada dizem em favor do progresso da cidade. O resto, é luta, que deverá ser travada com todos os mococquenses de mãos dadas.

Prefeitura Municipal de Mococa

GABINETE DO PREFEITO

COMUNICADO 3/73

Estando em preparação o Orçamento Municipal para 1973, a Prefeitura Municipal de Mococa comunica:-

1 - As entidades interessadas no recebimento de verbas durante o exercício de 1.974, devem, se a lei permitir, requerer o auxilio pretendido, até a data de 05 (cinco) de setembro de 1973.

2 - A Prefeitura atenderá os interessados de suas possibilidades financeiras, ficando a entidade beneficiada satisfeita com a verba concedida para a realização de todos os seus serviços, desde que a mesma não será suplementada.

3 - Exceção à verba que a Prefeitura destinar à entidade, a ela não se favorecerá com outros pedidos, sejam eles de qualquer natureza.

4 - Os requerimentos dos interessados deverão ser encaminhados ao protocolo da Prefeitura no horário das 12:00 às 16:00 horas.

Mococa, 22 de Agosto de 1.973.

GUZERÁ FAZ MOCOCA CAMPEÃ

O Grupo Economico da Usina Santo Alexandre, dos Irmãos Cunali, de algum tempo se dedica ao aprimoramento do seu rebanho de gado vacum, da raça Guzerá.

O trabalho desenvolvido pelo responsavel do departamento, o sr. Antonio Carlos de Abreu, tem se coroado de exito e, hoje, é respeitado em todo Brasil, pois fez da Agropecuária Três Barras uma campeã nacional na criação do gado daquela raça.

Nas Exposições que o Grupo Cunali tem tomado parte, o resultado é surpreendente, senão vejamos: de 14 a 18 de Abril, em Cordeiro, Estado do Rio, participando da Exposição Nacional da Raça Guzerá, que naquela cidade fluminense tem a sua verdadeira pátria, saiu-se o grande vencedor entre 5 outros concorrentes, dos mais categorizados e antigos do país. Mais recentemente na grande Exposição Nacional de Uberaba, Minas Gerais, que tem fama internacional, os trezentos e vinte e dois pontos e meio que a representação de animais pertencentes ao Grupo Cunali obteve, se tornou a maior contagem do recinto, entre todos os expositor, donde, então, abiscoitar o cobiçado troféu «Zé Zacarias», dado ao expositor mais premiado da Exposição. Finalmente, de 5 a 12 de agosto último, na Exposição-Feira Nacional de Gado de Corte de São Paulo, o grande certame que empolga toda a nação, o Grupo Cunali, com animais de sua propriedade, logrou 368 pontos e meio, ou seja, a maior contagem na raça guzerá, o que lhe deu a medalha de ouro «Governo do Estado de São Paulo», um valiosissimo troféu de alto preço e que os criadores e expositores disputam com muito empenho.

Assim, o rebanho guzerá da Agropecuária Tres Barras, do Grupo Cunali, é hoje o mais premiado no ano 1973, o que prova uma técnica atualizada, moderna, racional, na criação dessa raça, como distingue os seus proprietários, em todo o Brasil, como criadores excelentes a servir do progresso brasileiro.

As vitorias do Toninho de Abreu, que é o preposto do Grupo Cunali no setor, ainda, promovem o nome de Mococa, que é conhecido e sobejamente conhecido entre os criadores, pela exelência do seu rebanho guzerá, «papador de Exposições Nacionais».

Parabens ao Grupo Cunali e ao Toninho de Abreu.

CIDADES ESQUECIDAS PELO «PROINDE»

Mococa e São José do Rio Pardo são duas das muitas cidades que o «Proinde» - Projeto de Integração e Desenvolvimento - esqueceu de benefi-

ar, de atender nas suas minimas vindicações, por exemplo, a rodovia interliga as duas importantes cidade, com pavimentação asfaltica desea.

Ora, sendo assim, nestes dois anos administração Laudo Natel, que completam o seu mandato, dificilmente mos obter a desejada estrada, a não que um aditamento ao projeto seja borado, dando-nos condições de vindicarmos e sermos atendidos, ta estradas.

Por isso, seria de nos agruparmos: coca, São José, Grama, Caconde, inolandia Poços de Caldas, Ribeiro Preto, Cajuru, Serrana, Serra, Azul utras comunas, que seriam beneficias com a estrada entre os dois icipios, que é parte do grande traçado eirão Preto - Poços de Caldas, que eramos conclusão a tanto e tanto po.

Creio que com um trabalho partindo dois Prefeitos, de Mococa e São , com apoio dos outros, que seria citado, haveriamos de alcançar alcoisa mais rápidamente. O resto ntar, não acham?

ATITUDES LOUVAVEIS

projeto de construção de casas pulares que o Prefeito liberou no co Nacional de Habitação, que beficia 200 familias de nossa cidade, ve ameaçado de redundar em nada, falta de terreno onde plantar essas as. A coisa esteve série, até que coquenses legitimos, que amam sua ra, resolveram o impasse, concordo em ceder suas terras para a cretização do projeto. São eles, Fa Cunali; Familia Rigobelo; e enio Xavier Filho.

s bons mococquenses, vendendo a o intimo e recebendo em parcelas ais, que é como dar, propriamente, doando, simplesmente, como foi o da Familia Cunali, resolveram o sse e, agora, o projeto é mais realde do que nunca.

videntemente que não poderiamos ar passar despercebido do povo esto despreendido dessas familias e se homem, familias e homem que ram a terra em que nasceram.

«PAFS» EM MANCHETES

O asfalto das ruas José Bonifacio, mpos Sales e adjacências, inteiramente deteriorado, deservindo o transidaquela zona ribeirinha da cidade.

— a esperada construção da rede emissarios de esgotos, paralela ao ribeirão do meio, livrando este último as descargas putridas que recebe.

— o trasrito de bicicletas pelas calcadas e passeios públicos.

Assine o Estado de São Paulo

AXIAS

...Modesta e invicto e o preclaro estadista, sempre convocado pelo Rei, nas supremas dificuldades nos momentos supremos da nacionalidade.

A portentosa existência desse homeriada semelha um destes vastos e magnificos sistemas orográficos, de culminâncias andinas, que levam á visão do observador a vertigem das alturas.

Originário daquele «genus» marciano que ilustrou o Brasil e o Velho Reino, Luiz Alves enraiza-se nas velhas familias reais da Metropole e representa, nesta terra, o que de mais aristocrático e mais nobre nela tem existido.

Não admira que, no glorioso rebento dos Lima e Silva, hajam madrugado as excelsas virtudes militares advinhadas pelo primeiro imperante que, ao formar o seu Batalhão, dele fez o porta-bandeira. E, assim, o jovem vexilário do «Batalhão do Imperador», em 1822, estava na Baia, o último reduto das tropas portuguesas, tomando parte ativa na sua expulsão do território brasileiro, conquistando, dest'arte os primeiros postos da sua carreira triunfal. Três anos depois, ja institucionalizada a monarquia, vai para as lutas das cisplatinas, demorando-se em Montividéo, até que aquela então provincia deixasse de ser brasileira, pelo tratado de 1828.

Amicissimo do fundador do Império Brasileiro, preso, pela lealdade militar e pelos sentimentos afetivos a D. Pedro I, Luiz Alves viu, com desgôsto, a acirrada campanha contra ele movida, no seu periodo paroxistico do inicio de 1831 e, sentindo a confiança que o Chefe de Estado depositava em sua pessoa, mateve-se ao lado do Soberano, embora na facção oposta estivesse toda a sua familia, inclusive o pai, o brigadeiro Francisco de Lima e Silva. Dizem as crônicas que, consultado pelo Imperador, o que ele Luiz Alves pensava da situação, do ponto de ... chegou a esboçar um plano de defesa ... ços legais, Semelhante atitude tem sido ... da de vária maneira pelos historiadores, mas, ... que, fator primordial da posição assumida pelo jovem defensor do govêrno foi o da grande virtude militar da obediência e da lealdade. Só depois que o Imperador decidiu a abdicar e desligou-o de qualquer compromisso, Luiz Alves foi juntar-se ás ... iniciava-se a Regência Trina, á qual iria servir com a mesma dedicação. Estamos em 1832: é Ministro da Justiça, Feijó. O periodo regencial, todo ele acidentado por movimentos rebeldes, conta na Historia aquelas duas revoltas de 3 e 17 de abril, a primeira chefiada pelo partido Exaltado, que sonhava, com república e federação, a segunda, promovida pelos Caramurús, á frente dos quais estavam os Andradas, defensores do regresso de Pedro I: era a ABRILADA, dissolvida pela vigilância e pela energia de Luiz Alves.

O soldado da lei não adormece e não tem quartel: será a garantia da ordem durante toda a Regência e, em 1838, ei-lo no Maranhão, jugulando a revolta dos Bacaios, escrevendo aquela página fúlgurante da resistência de Caxias, vitoria que lhe conquistou a gloriosa antonomasia de Caixias, que ele nunca mais deixou de polir e repolir.

Barão, Conde, Marquês, Duque de Caixias: eis a arrancada fabulosa para o fim mais alcantilado do sistema orográfico a que me referi de inicio. Mas, não ficava ai a atividade desse soldado da lei e do direito, dessa sentinela avançada da autoridade pública: os excessos do liberalismo explodiam em São Paulo e Minas, e a réplica se manifestava pela lei, em Sorocaba e Santa Luzia, em 20 de agosto de 1842. A vedeta das instituições logo depois era reclamada no sul para sufocar o Farrupilha revoltado e separado da pátria durante todo um decênio. Caxias combatendo os transviados da lei e da patria, só os considerava inimigos enquanto estivessem de arma na mão: depostas estas armas, desarmado o espirito rebelde, o Barão de Caxias, num aplexo cordial, a todos envolvia fraternalmente e encontrava nos adversarios da vespera, amigos para sempre conquistados.

Nesse homem de guerra havia, também, o estadista, que foi três vezes Ministro da Guerra.

Era natural que, quando Lopes agrediu o Brasil em fins de 1864, o primeiro nome a ser lembrado para o comando das tropas que iriam defender a honra e a integridade nacionais, fosse o do Marques de Caxias. Não foi, no entanto: a politicalha, vocabulo criado pelo eminente Rui Barbosa, na Republica, já era, então, virese epidêmica nos arraiais da politica brasileira. Só mais tarde, quando a consciência nacional o reclamava e o Imperiador o sentia foi que o govêrno liberal de Zacarias procurou o ... dizendo-lhe: «Se Vossa Excelência declaração, Caxias explode esta resposta imperterrita: «Senhor Ministro, a minha espada não tem partido». Caxias partiu para o teatro da luta, encontrando, porem, dificuldades em obter o necessário para uma campanha expedita. Julgou que o Gabinete não sustentasse a confiança prometida e pediu ao Ministro da Guerra para afastar-se do comando. A guerra exterior, nasceu uma guerra interior. A efervescência do espirito nacional, desde o mais humilde homem da rua até o Imperador, oscilava entre a demissão do Comandante em Chefe das Tropas e a do Gabinete Zacarias. O Conselho de Estado discutiu o problema, todo o Brasil discutiu o problema. D. Pedro II resolveu-os aceitou a demissão do Ministerio. Caxias continua á frente do Exercito Nacional. Com balões cativos, expediente original nas campanhas americanas, procurou conhecer a posição das tropas inimigas, operou milagres no Chaco e, em dezembro, levou o Exercito ás vitorias explendentes de Avaí, Itororó, Lomas Valentinas, Angustura, esse pontilhado de glorias, essa rajada maravilhosa de feitos que o conduziram, incolume, a Assumpção, em 5 de janeiro de 1869: foi a DEZEMBRADA.

Caxias foi presidente do Conselho de Ministrss do Gabinete de 2 de março de 1861. Em 1875, chefiou novamente, o Gabinete São João. Foi chamado, com insistência, para esse cargo mais elevado do Império, logo abaixo do Imperador. Caxias procurou excusar-se em aceitar o convite, justificando-se com motivos de saúde. O Imperador, com mais fortes instâncias, apelou para o seu patriotismo, para que aceitasse a direção da politica nacional num momento em que pensava afastar-se do Brasil para ir aos Estados Unidos e desejava um vulto em que ele pudesse repusar a sua confiança. Caxias abalado na persistência, aceitou impondo a condição da anistia aos Bispos D. Vital e D. Macedo Costa, encarcerados desde a «questão episcopo-maçonica». O Imperador escandali-zou-se, achando excessiva a condição, mais cedeu, e os prelados foram anistiados.

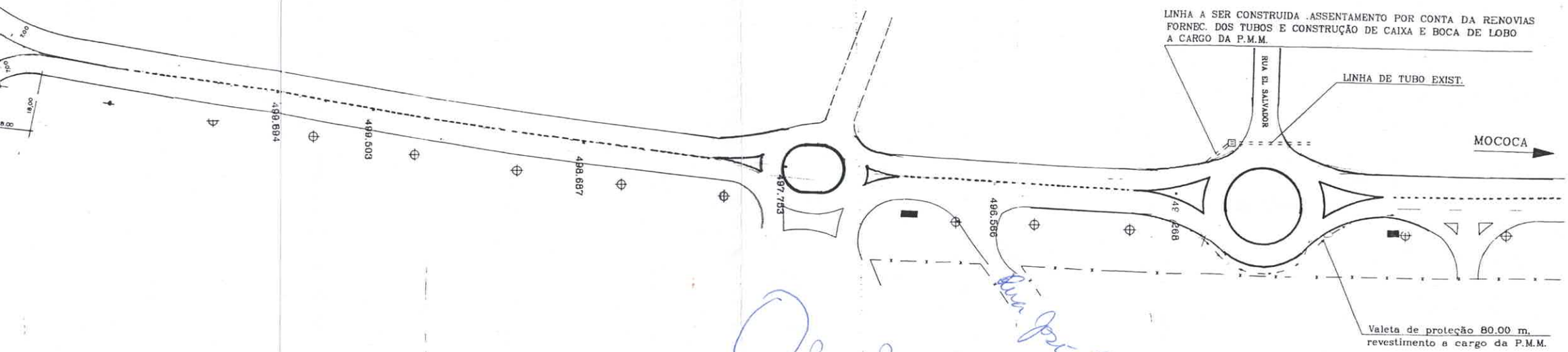
Esse Napolião sem Waterloo, esse Bayard redivivo, serviu a patria, serviu, desde o primeiro lustro de sua vida, até a idade de 76 anos, oito meses e 13 dias, ao glorioso Exercito Nacional, fundador de quatro nações, de que é hoje patrono intemerato e imaculado orago «sams peur, et sams reporche».

ALMEIDA MAGALHÃES

Fls. n.º 18
Proc.

FRANCISCO PEDROSA FILHO, nascido em Monte Santo de Minas em 1890, Casou-se com a Mocoquense BENEDITA SEIXAS PEDROsa, em 1918, com teve os seguintes filhos: Heny, Hédio,- Hélio, Henédio e Helenir. varios Netos e Bisnetos.
Exerceu a Profissão de farmaceutico durante 68 anos.
Pessoa muita querida e respeitada pelo Mocoquenses.

Fls. n.º 19
Proc. 468



O Bruno Pedro
Lima Dias

Rua José Luiz 32

Fls. n.º 29
Proc. 768

Câmara Municipal de Mococa

Fls. n. 21
Proc. 1108 Leo

Protocolo

CÂMARA MUNICIPAL
— MOCOCA —
PROTOCOLO

Numero	Data	Rubrica
1819	11/12/2000	

Despacho

APROVADO
Sala das Sessões, 11/12/2000
Dr. Luiz Armando Caliò
Presidente

Ementa

Requer convocação de Sessão Extraordinária para aprovação de matéria que especifica.

REQUERIMENTO

Exmo. Sr. Presidente:

Os Vereadores que o presente subscrevem, após a manifestação do Nobre Plenário, tendo em vista a urgência da matéria, requerem a realização de uma Sessão Extraordinária, logo após a realização da presente Sessão, para deliberar sobre as seguintes proposituras:

PROJETO DE LEI COMPLEMENTAR Nº.039/2000 - Autoriza alienar terreno à EMPRESA CONSTRUTORA MODDA LTDA, localizado no Distrito Industrial II.

PROJETO DE LEI Nº.083/2000 - Denomina de Praça JOÃO CORREIA, o logradouro Público, localizado no Jardim Central Pricoli.

PROJETO DE LEI Nº.084/2000 - Denomina de Praça Antonio Minchueli, o logradouro Público situado no Jardim Central Pricoli.

PROJETO DE LEI Nº.085/2000 - Denomina trevos localizados em troncamento com a Avenida Monsenhor Demosthenes Parana Brasil Pontos-

Plenário Venerando Ribeiro da Silva, 11 de Dezembro de 2000.

Câmara Municipal de Mococa

— PROTOCOLO —

CÂMARA MUNICIPAL
— MOCOCA —
PROTOCOLO

Numero	Data	Rubrica
1818	11/12/2000	

— DESPACHO —

Fls. n.º 21
Proc. 11/12/2000

APROVADO
Sala das Sessões, 11/12/2000

Dr. Luiz Armando Calió
Presidente

EMENTA:

Requer regime de urgência Especial para matéria que especifica.

REQUERIMENTO DE URGÊNCIA ESPECIAL

EXMO. SR. PRESIDENTE:

OS VEREADORES que o presente subscreve, dentro das disposições Regimentais e após a manifestação do Nobre Plenário, tendo em vista a finalidade da propositura, requer regime de urgência Especial para:

PROJETO DE LEI COMPLEMENTAR Nº.039/2000 - Autoriza alienar terreno à - Empresa CONSTRUTORA MODDA LTDA, localizado no Distrito Industrial II.

PROJETO DE LEI Nº.085/2000 - Denomina trevos localizados em entrocamento com a Avenida Monsenhor Demosthenes Parana Brasil Pontes.

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº.14/2000 - Autoriza o Executivo a utilizar dotações Orçamentarias do Legislativo no valor R$.442.320,00.

Plenário Venerando Ribeiro da Silva, 11 de Dezembro de 2.000.

Câmara Municipal de Mococa

Estado de São Paulo

Fls. n.º 23
Proc. 462/00

Mococa, 12 de Dezembro de 2000.

Of. nº. 925/2000-CM.

Senhor Prefeito,

Anexo ao presente, para as devidas providências, segue cópia do expediente, aprovado por esta Casa, em Sessão realizada no dia 11 de Dezembro último.

Autógrafo nº. 101/2000 - Projeto de Lei Complementar nº. 039/2000.

Autógrafo nº. 102/2000 - Projeto de Lei nº. 083/2000.
(de autoria do Vereador Cleber Barros de Melo)

Autógrafo nº. 103/2000 - Projeto de Lei nº. 084/2000.
(de autoria do Vereador Cleber Barros de Melo)

Autógrafo nº. 104/2000 - Projeto de Lei nº. 085/2000.
(de autoria da Vereadora Márcia Rotta)

Ao ensejo, apresentamos protestos de elevada estima e distinta consideração.

Atenciosamente

DC

Dr. LUIZ ARMANDO CALIÓ
Presidente

Exmo. Sr.
Dr. Walter de Souza Xavier
DD. Prefeito Municipal
Mococa

Câmara Municipal de Mococa

Estado de São Paulo

Fls. n.º 04
Proc. 465/2000

AUTÓGRAFO Nº. 104 DE 2000.

PROJETO DE LEI Nº. 085/2000.

Denomina trevos localizados em entroncamento com a Av. Monsenhor Demosthenes Paraná Brasil Pontes.

FAÇO SABER, que a Câmara Municipal de Mococa, em Sessão realizada no dia 11 de Dezembro de 2000, aprovou Projeto de Lei nº. 085/2000, de autoria da Vereadora Márcia Rotta, e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º. – O trevo localizado no entroncamento da Rua El Salvador com a Av. Monsenhor Demosthenes Paraná Brasil Pontes passa a ser denominado de: TREVO JERÔNIMO SOUZA.

Art. 2º. - O trevo localizado na Av. Monsenhor Demosthenes Paraná Brasil Pontes, confrontante com a Praça Pedro Dias de Lima passa a ser denominado de: TREVO FRANCISCO PEDROSA FILHO.

Art. 3º. - O trevo localizado no entroncamento das vias: Av. Monsenhor Demosthenes Paraná Brasil Pontes, Rua Nicolau Paione, Rua Joana Z. Naufel e Rodovia SP 340, passa a ser denominado de: TREVO ANTÔNIO CARLOS DE ABREU.

Art. 4º. - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revoga-se as disposições em contrário.

CÂMARA MUNICIPAL DE MOCOCA, 12 DE DEZEMBRO DE 2000.

Dr. LUIZ ARMANDO CALIÓ
Presidente

LUIZ BRAZ MARIANO
1º. Secretário

Dr. JOSÉ POMPEO CORRADI
2º. Secretário